

A “SABEDORIA DO LOUCO” COMO O CARÁTER FILOSÓFICO PRÁTICO DA TRANSVALORAÇÃO DE VALORES

Gabriel Nogueira Alves¹

Vagner Sassi²

RESUMO

Este artigo aponta a loucura como referência de um modo de vida ativo-criativo, a partir do procedimento genealógico de Nietzsche e seu projeto de transvaloração dos valores. Elucidando o esgotamento da linguagem racional que idealiza a imagem de humanidade se contrapondo ao “louco”, bem como a construção de valores por esse modo de vida ideal, Nietzsche encontra a necessidade de se estabelecer uma crítica a partir de suas origens históricas com o procedimento genealógico. Trata-se de descrever a figura do louco em sua configuração como o homem extemporâneo, solitário, de espírito-livre, onde se encontram os elementos fundantes de um modo de vida anterior ao modelo dual racional-irracional, e que considera a multiplicidade do homem, procurando o rompimento com o modo reativo da vida.

Palavras-chave: Loucura. Criação. Ética. Valores. Multiplicidade.

¹ Aluno do 6º período do curso de Filosofia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: noga.gabriel@yahoo.com

² Orientador da Pesquisa. Doutor em Filosofia pela PUC-RS. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: vagner.sassi@bomjesus.br

INTRODUÇÃO

Poderia se divagar muito com o tema da loucura ou simplesmente ignorar sua identidade crítica. A prefiguração de sua imagem com os textos nietzschianos pode, teoricamente e num primeiro momento, soar como uma coisa desconexa. Na prática, porém, isso se vislumbra em cada fragmento de seus escritos.

De fato, Friedrich Nietzsche não trabalha especificamente com o tema da loucura, pois não existe a preocupação de se *nomear* o transvalorador dos valores nem de se definir a fórmula de um modo de vida. Mas a *loucura* se mostra como uma das facetas de um baralho onde todas as cartas são norteadas por ela, a saber, possuem sentido e valor a partir da loucura. Nisso, o “nome” pouco importa.

Corre-se o risco de interpretar loucura como um conceito que determina certas características de um indivíduo. Porém, o esgotamento da racionalidade demonstrado por Nietzsche nos constrange, e fica-se sem saber o que fazer com esse vazio que a racionalidade deixa quando sua onipotência é desfeita. Esse vazio, além de constranger, dispersa o rebanho, perde-se a identidade niveladora, e força o encontro de novos meios, novos caminhos, inéditos e cheios de *selvageria*.

A fascinação em torno da loucura envolve leitores que percebem, não somente em seus discursos, mas principalmente em ações e gestos, o valor de estar em conformidade consigo mesmo. Isso se deve pelas exigências do modo de vida racional que, cada vez mais com novas exigências, define modos de valoração que procuram adequar todos nesta ou naquela maneira de ser. Isso leva a um afastamento do homem da sua vontade de potência, o enfraquece diluindo-o em grupos, colocando-o dentro de um invólucro, impossibilitando as suas vivências. Essas mesmas vivências que, por sua vez, possibilitam o homem tornar-se o que se é.

O modelo racional não só pontua com suas definições de padrão a idealização de um homem sadio, completo, racional; como também despreza o contraponto desta imagem igualmente idealizada: o homem doente, irracional, louco. Aqui percebe-se que a estigmatização do louco parte unicamente das contrariedades sociais impostas. Este *estranho* perde a fala e assiste o monólogo da razão que o interpreta a partir de seus parâmetros.

O louco possui como referência os seus próprios interesses e impulsos, que são determinados **não** por uma consciência racional, mas antes pela teoria das forças que desencadeiam as pulsões. O louco se torna um “transvalorador” na medida em que se afasta de juízos de valores morais que procuram delimitar parâmetros de “certo e errado”. Desta forma, ele se desconecta de todo um tempo, quebra a lógica da racionalidade, desmoraliza os valores e, bem mais que isso, de forma radical, desmoraliza o valor dos valores, transvalora.

1 A DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM METAFÍSICA DO HOMEM SADIO-RACIONAL

Dentro da filosofia de Nietzsche, o louco possui uma figuração peculiar daquele que traz em si o autêntico espírito-livre porque ele próprio não se põe em juízo. Assim, ele é capaz de dizer o grande Sim à vida como vontade de potência: no afastamento e na solidão ele reconhece o lugar onde se pode encontrar a determinação de suas vivências.

Em quase toda parte, é a loucura que abre alas para nova ideia, que quebra os encantos de um uso e uma superstição venerados. Compreendem por que tinha de ser a loucura? Algo que fosse, em voz e gestos, assustador e imprevisível como os demoníacos humores do tempo e do mar, e portanto, digno de semelhante temor e observação? (NIETZSCHE, 2016, p. 20)

Desse modo, o louco coloca em questão a base da construção da lógica racional que determina um sistema de valoração. Nietzsche aponta para “juízos de valor lógicos” (NIETZSCHE, 2016, p. 12), essa “superstição venerada”, onde se procura delimitar juízos como certo e errado, bem e mal, que tendem à busca de uma unidade humana. Neles se revela a verdade do mundo, a possibilidade de cura do homem.

Os valores da loucura, por sua vez, estruturados a partir de uma transvaloração em seus gestos e discurso, possuem uma sabedoria. Não se trata de esgotar a figura do louco, nem da tentativa de canonizá-lo, transformando-o numa espécie de sábio ou profeta, explorando meios de imitá-lo. Mas, ao afastar-se de uma determinação meramente patológico-clínica, pretende-se fazer uma reflexão filosófica em torno dos escritos nietzscheanos, reconhecendo na figura do louco apenas a referência de um sábio: aquele que em si mesmo constrói um projeto de criação de valores.

Enquanto hoje sempre nos dão a entender que ao gênio não foi dado um grão de sal, mas o tempero da loucura, todos os homens de outrora tendiam a crer que onde houver loucura haverá também um grão de gênio e de sabedoria – algo “divino”, como sussurravam. Ou melhor: Como exprimiam vigorosamente. (NIETZSCHE, 2016, p. 21)

Na loucura se retoma o espaço da multiplicidade como exercício de singularidade, onde o desencadear das pulsões que estimulam a vontade de potência é de novo colocado em questão de forma ativa-criativa.

Todos os homens superiores que eram irresistivelmente levados a romper o jugo de uma moralidade e instaurar novas leis, não tiveram alternativa, caso não fossem realmente loucos, se não tornar-se ou fazer-se de loucos – e isto vale para os inovadores em todos os campos, não apenas no da instituição sacerdotal e política: – até mesmo o inovador do metro poético teve que credenciar se pela loucura. (NIETZSCHE, 2016, p. 21)

Desmistificando o modelo de loucura que outrora fora simplificada pela linguagem racional, essa consideração filosófica nos leva supor um modo de vida que até então foi desprezado, e encontrar uma estrutura que conduz à real e justa vivência, em termos de construção de valores, que rompe o invólucro construído pela linguagem racional que mais simplifica e sufoca do que protege.

A caracterização comumente usada para descrever a loucura seria, em termos gerais, um desajuste do indivíduo em relação à sociedade que o tem como parte integrante.³ Com o advento da interpretação científica, sobretudo a psicológica/psiquiátrica visando um controle e apreensão dos fenômenos da natureza, se construiu uma imagem idealizada de humanidade a partir de tudo aquilo que a linguagem lógica-racional possibilitava. Assim se construiu o humanismo, que se norteia em boas práticas e que mantém um bem-estar social.

No discurso técnico-científico, a singularidade de certos indivíduos que não se encaixavam dentro de todo esse aparato de delimitações gerou uma má compreensão deles, ou seja, tudo que fugia da racionalidade foi posta à margem, na irracionalidade. Dessa forma, como demonstra Corrêa (2016, p.26), “Nietzsche denuncia a onipotência da razão, de modo que aqui esta razão que busca as causas, a finalidade significa um enfraquecimento dos afetos”.

Nietzsche desmascara primeiramente esse homem teórico. E não o faz tendo como objetivo a racionalização do louco ou simplesmente uma crítica aos valores, mas antes colocando em questão a própria constituição de racionalidade, isto é, desenvolvendo uma crítica mais radical, a saber, a crítica do valor dos valores.

Tento compreender de que idiosincrasia provém a equação socrática de razão = virtude = felicidade: a mais bizarra equação que existe, e que, em especial, tem contra si os instintos dos helenos mais antigos. Como Sócrates, o gosto grego se altera em favor da dialética: que acontece aí propriamente? Sobretudo um gosto nobre é vencido; com a dialética, a plebe se põe em cima. Antes de Sócrates se rejeitava, na boa sociedade, as maneiras dialéticas: eram tidas como más maneiras, eram comprometedoras. (NIETZSCHE, 2017b, p. 16)

Para Nietzsche, o estabelecimento de uma dialética, faz com que o homem teórico, ao interpretar a vida, perceba que as contrariedades que ela naturalmente impõe não o estimula ao enfrentamento como antes de Sócrates o homem grego fazia. Pelo contrário, o ressentimento que nasce da covardia o faz estabelecer juízos de valor atribuindo um valor demasiado negativo para esses antagonismos, o que justificaria a necessidade de afastar de si esses problemas com o pretexto de, assim, “solucioná-los”.

³ Conforme “Características de Classificação Diagnóstica” do portal *e-psico* da UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/e-psico/mapas/dragaodescrito.htm>. Acesso em: 20 out. 2021.

Escolhe-se a dialética apenas quando não se tem outro recurso. Sabe-se que ela suscita desconfiança, que não convence muito. [...] A dialética pode ser usada apenas como legítima defesa, nas mãos daqueles que não possuem mais outras armas. É preciso que se tenha de obter pela força o seu direito de outro modo não se faz uso dela. (NIETZSCHE, 2017b, p. 16)

A linguagem racional é dialética. Com os juízos, ela estabelece uma prefiguração de homem sadio, modelo ao qual todos devem se adequar para se alcançar a felicidade. Este modelo pressupõe normas de conduta que cada vez mais restringem um perfil que fica cada vez mais utópico de se alcançar, o que se deve à própria transcendentalidade que esse modo de vida possui.

A filosofia pensada por Nietzsche é uma crítica genealógica que permite mesmo fazer uma crítica ao “tribunal da razão”. Para Nietzsche, é necessário colocar em questão o sentido e o valor da verdade e da moral, detectar onde se originou certas formas de conduta, as forças que a constituem (CORRÊA, 2016, p. 32).

A moral possui, assim, uma construção histórica. Nela criam-se juízos de valor degenerados, que se fundam em um “não” à vida, requerendo um mundo oposto, metafísico, onde suas ilusões podem ‘existir’ e ter sentido. Em contraposição a isso, Nietzsche estabelece um procedimento genealógico que lança os pressupostos para a criação de novos valores que não mais negue a vida, mas a afirme.

2 A CONSTITUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA DA LOUCURA

Dentro da genealogia de um modelo racional-lógico, percebe-se, na constituição histórica da loucura tal como tratada pelo pensamento do filósofo francês Michel Foucault, uma verdadeira trajetória da loucura, com passagens e significações diferentes ao longo da história.

Em um primeiro momento, a loucura não tinha um caráter patológico. Na verdade, não existia, até então, nenhuma espécie de reflexão sobre a loucura com um caráter clínico. Percebia-se algo de diferente na loucura, mas não se via, no louco, a necessidade de se eliminar, nivelar ou até mesmo interpretar essa diferenciação (FOUCAULT, 2020, p. 62). A característica marcante da loucura poderia ser apenas isso: uma forma não-comum de responder aos estímulos externos, seja na fala, ou principalmente nos comportamentos.

A patologização da loucura se deu na medida em que a cultura foi alimentando seu senso moral, na época clássica e com o pensamento moderno, especialmente aquele de Descartes que separa razão e desrazão. Tal modelo racional emergente possuía,

assim, uma lógica própria e uma construção formal bem característica, de forma que estabelece um grupo e cria uma dependência dos indivíduos. Assim, aqueles que não se encaixavam nesse modelo dialético eram colocados à margem, em evidência, como abortos do sistema, impossibilitados que eram de se realizarem como homem-sadios, estes sim possuidores de um “valor elevado”.

A ideia de alcance de objetivos, de metas a serem alcançadas, nasce, então, de uma interpretação cartesiana que procura a verdade; ou seja, a organização de ideias era um pressuposto para o desenvolvimento da razão. A investigação cartesiana colocava a razão como pressuposto para desenvolvimento humano: o cogito era onde se realizava a humanidade do homem (NIETZSCHE, 2019a, p. 21s).

Com uma consideração racional de loucura poderia se determinar as características de qualquer indivíduo como indícios de loucura. A formação de um código médico/psiquiátrico ilude a certeza de infalibilidade de tais pressupostos, desta forma se arrisca até em determinar não só indivíduos de seu tempo como loucos, como também atribuir a figuras históricas estas ou aquelas características. O que levaria crer que os gregos já tratavam a loucura como uma doença (QUÉTEL, 2014, p.19), o que não passaria de um anacronismo completo.

Desta forma a linguagem racional afirmaria a existência da loucura não como uma “invenção” moderna como aponta Foucault, mas como um desvio inerente a uma suposta natureza humana.

Tanto Nietzsche quanto Foucault entendem que os valores não possuem como caráter a construção de um sujeito capaz de instituir valores. “Nietzsche questiona a conjuntura em que os valores foram instituídos. Foucault quer aferir à trama histórica que faz emergir um valor sem considerar ainda a presença de um sujeito capaz de compor algo” (CORRÊA, 2016, p. 33).

O estabelecimento de um código evoca uma uniformização de informações. Se o objetivo é que todos assim se entendessem, ou seja, se interpretassem, o pensamento deveria passar por uma lógica formal, uma linguagem que colocasse expressões que assegurassem o bom entendimento dos interlocutores. Em discordância com esse modo de linguagem, diz Nietzsche:

Palavras são sinais sonoros para conceitos; mas os conceitos são sinais-imagens, mais ou menos determinados, para as sensações recorrentes e associadas, para grupos de sensações. Não basta utilizar as mesmas palavras para compreendermos uns aos outros; é preciso utilizar as mesmas palavras para as mesmas vivências interiores, é preciso enfim ter a experiência em *comum* com o outro. (NIETZSCHE, 2017b, p. 165)

Palavras enquanto palavras não determinam vivências. Logo, o modelo da linguagem formal-racional não se sustenta porque não leva em consideração a multiplicidade de forças que possibilitam a existência desta ou daquela vivência.

Quando se aborda a linguagem nesses termos, o louco parece não ter em si uma característica bem expressiva, pois sua fala é acompanhada de gestos que traduzem exatamente a peculiaridade de sua linguagem. Ele não procura ser interpretado, ele não precisa se realizar como homem-sadio-racional: é independente.

Independência é algo para bem poucos: – é prerrogativa dos Fortes. E quem procura ser independente sem ter a *obrigação* disso, ainda que com todo o direito, demonstra que provavelmente é não apenas forte, mas temerário além de qualquer medida. [...] É inevitável e justo que nossas mais altas intuições pareçam bobagens, em algumas circunstâncias delitas, quando chegam indevidamente aos ouvidos daqueles que não são feitos e predestinados para elas. (NIETZSCHE, 2019a, p. 34)

Nietzsche descreve a independência como uma forma de diferenciação, a saber, a possibilidade de o indivíduo sair da malha de interesses coletivos para poder se enxergar como “destino”, isto é, como o criador de suas vivências, o que Nietzsche chama de “filósofo do futuro”:

Os filósofos do futuro, aqueles que comandam e legislam são pensados por Nietzsche como aqueles que agem segundo o rigor da crítica, mas não querem ser chamados de críticos, exatamente porque a filosofia como a quer Nietzsche não possui seu “fim” na crítica, mas na possibilidade de criar valores que afirmem a vida. (CORRÊA, 2016, p. 32)

Esse “criador de seus valores” põe fim à esterilidade da crítica kantiana que ainda era subjugada pelos valores da razão, dependente de seus valores decadentes.

A determinação de vivências é demonstrada por Zaratustra, onde Nietzsche descreve a solidão como a “sua pátria”⁴, isto é, o lugar-refúgio onde se realiza a criação de si, o seu destino.

Queres ir para a solidão, meu irmão? Queres buscar o caminho para ti mesmo? Detém-te um pouco mais e me escuta. “Quem busca facilmente se perde. Todo o isolamento é culpa”: assim fala o rebanho. E durante muito tempo pertencestes ao rebanho. [...] Há pessoas a quem não deves dar a mão, mas apenas a pata: e desejo que tua pata tenha também garras. [...] Ó solitário, tu percorres o caminho daquele que cria: queres criar a ti um deus, a partir dos teus sete demônios! Ó solitário, tu percorres o caminho de quem ama: amas a ti mesmo, e por isso te desprezas, como apenas amantes desprezam. (NIETZSCHE, 2018b, p. 59 e 61)

⁴ Nietzsche (2018b, p. 176): “Ó solidão! Ó solidão, pátria minha! por tempo demais vive selvagememente, em selvagens terras alheias, para não regressar a ti sem lágrimas!”

Uma vez solitário e independente, a “fala do rebanho”, isto é, a sua linguagem normativa, cheia da racionalidade da culpa, não surte efeito, e assim o louco realiza a criação de si a partir daquilo que é entendido como sua multiplicidade: seus “sete demônios”, o que se tem por mais íntimo. A sua luta é contra a si mesmo, isto é, a solidão não é uma ação reativa frente ao desprezo dos homens, mas anterior a esta ação.

A solidão e a independência não tornam o louco ensimesmado, ou desconectado da realidade. Muito pelo contrário, é precisamente através da solidão que o seu convívio com os homens, convívio este cheio de estupidez e ideais, é preservado:

Imprescindível para evitar o contágio dos ideais, indispensável para não deixar-se contaminar pela estupidez, a solidão assume caráter profilático. É ela que assegura a Nietzsche/Zarathustra a limpidez do olhar com quem investiga os seus contemporâneos; é ela que lhe garante a lisura do tato com quem os examina. (MARTON, 2010, p. 66)

Importante ressaltar que essa independência não nasce de um esforço diante da exigência que a linguagem racional impõe como uma forma reativa. Nesse sentido, o louco é criativo porque está em conformidade com sua natureza e em correspondência com as formas que o constituem, não cabendo aqui qualquer forma de abnegação.

Por isso mesmo, as reações aleatórias e imprevisíveis do louco dão um nó na cabeça daqueles que têm a pretensão de interpretá-lo. O louco, ou mesmo qualquer pessoa, não deve ser aqui entendido, bem como suas ações não devem ter uma razão de ser, um objetivo para ser alcançado.

O cogito cartesiano expressaria, assim, a ilusão de que o homem possui o pensamento como produto de suas ideias, como se ele fosse inteiramente o determinante deste ou daquele pensamento se realizar, o que garantiria a interpretação de fatos a fim de se chegar a conclusões, num movimento lógico. A que se contrapõe Nietzsche:

Quanto à superstição dos lógicos, nunca me cansarei de sublinhar um pequeno fato que esses supersticiosos não admitem de bom grado – a saber, que um pensamento vem quando “ele” quer, e não quando “eu” quero; de modo que é um falseamento da realidade efetiva dizer: o sujeito “eu” é a condição do predicado “penso”. (NIETZSCHE, 2019a, p. 21s)

O que mais distingue toda a questão é visualizar que não existe uma regra geral para a loucura, isto é, um modo que a descreva de maneira geral. Não temos um louco igual a outro louco. Esse, talvez, seja o ponto nevrálgico de toda a questão da patologização da loucura.

3 A SABEDORIA DO LOUCO

Como dito, a diferenciação da loucura se dá na sua especificidade. Existe algo muito próprio na pessoa descrita como louca, a saber, a criação de um espaço específico, onde o que faz sentido é sua própria trama de eventos e as condições que a possibilitam. A interpretação de fatos, se é que ela existe, aqui é original.

A originalidade de cada louco implica numa multiplicidade de forças, porque a trama de eventos que possibilitam a correspondência do louco é diversa. O louco não é sujeito de ações, mas antes ele é a própria ação:

Um quantum de força equivale ao mesmo quantum de impulso, vontade, atividade – melhor, nada mais é se não este mesmo impulso, este mesmo querer e atuar, e apenas sob a sedução da linguagem (e dos erros fundamentais da razão que nela se petrificam) a qual entende ou mal-entende que todo atuar é determinado por um atuante um “sujeito”, é que pode parecer diferente. [...] Mas não existe um tal substrato; não existe “ser” por trás do fazer, do atuar, do devir; “o agente” é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo. (NIETZSCHE, 2018c, p. 33)

O louco como pura ação demonstra uma falta de pretensão de razões, que seria “inevitável e justo”, o atributo por parte da linguagem racional-lógica de uma patologização na loucura, como bem aponta Nietzsche.

Um tal espírito, que assim se tornou livre, acha-se com alegre e confiante fatalismo no meio do universo, na fé de que apenas o que está isolado é censurável, de que tudo se redime e se afirma no todo – ele já não nega... Mas uma tal crença é a maior de todas as crenças possíveis: eu a batizei com o nome de Dionísio. (NIETZSCHE, 2017b, p. 83)

O louco não quer o reconhecimento de que seu modo de vida seja válido ou não. Ele é livre na medida que se afasta do subjugo da razão que procura censurar ações e amansar os instintos. Entretanto, o modo como a loucura se revela como pura ação se coloca não como um modelo a ser seguido, mas como a visualização de um indivíduo que realiza em si a máxima da sua vontade de potência.

Entretanto, ao longo da história, Nietzsche

[...] observa que apesar do aparente desaparecimento do Dionísio na civilização do homem teórico, um invariante movimento dionisíaco pontua toda a nossa história [...] o jovem Nietzsche supõe a presença no homem de um ritmo natural sobre o qual a consciência lúcida e a cultura refinada pouco espera.⁵ (GRANAROLO, 2019, p. 24s)

⁵ “[...] il constate qu’en dépit de l’apparente disparition du dionysiaque dans la civilisation de l’homme théorique, un invariant dionysiaque rythme toute notre histoire [...] le jeune Nietzsche suppose la présence en l’homme d’un rythme naturel sur lequel la conscience lucide et la culture raffinée n’ont que peu de prise”.

Essa pulsão dionisíaca de se viver a vida dentro de um movimento que não está sob o jugo de normas e do código psiquiátrico, como linguagem racional, impele a uma retomada da originalidade, onde a natureza não é mais entendida como predeterminações que supõem um humanismo, mas, em ritmo natural, entendida como consenso do eterno retorno e, conseqüentemente, do amor-fati.

A forma como se marginalizou a loucura, ou melhor, como se marginalizou as formas não-rationais de pensamento, eliminou a possibilidade de se enxergar na loucura uma forma de vida autêntica e efetiva, capaz de abrigar a ação criadora como a verdadeira sabedoria. Quanto à sabedoria de seu mais famoso personagem, Nietzsche assim descreve o Zarathustra:

Aqui não fala nenhum “profeta”, nenhum daqueles horrendos híbridos de doença e vontade de poder chamados fundadores de religiões. É preciso, antes de mais nada, ouvir corretamente o som que sai desta boca, este som alciônico, para não se cometer uma injustiça deplorável quanto ao sentido de sua sabedoria. (NIETZSCHE, 2017a, p. 41)

Nietzsche se preocupa em deixar claro que essa sabedoria possui um sentido totalmente original, jamais ouvido, que rompe com as tradicionais “fontes de saber”. Em outras palavras, a capacidade de se considerar a originalidade da loucura como um modo anterior a dialética platônica, ao humanismo cartesiano, as religiões e enfim à racionalidade e suas derivações de sujeito.

Entretanto, não se espera a eliminação da dialética platônica, até porque os modos de vida, seja das derivações relacionadas a racionalidade, seja mesmo da forma anterior originária da loucura, não são definitivos, mas é preciso dar provas a si mesmo⁶:

A qualidade do Mestre ou do Escravo não se adquire definitivamente, ela é merecida. É preciso para isso consentir ao Eterno retorno, praticar o amor pelo destino, saber rir e esquecer, agir por excesso de potência e não por falta. Ora se age por falta de potência porque se deixa guiar pelas forças de vingança, o signo de toda servidão – servo do ressentimento. (ONFRAY, 2014, p.112)

O merecimento se dá na medida que o indivíduo se lança dentro do movimento de amor pelo destino. Neste não tem mais espaço para abnegações da vida; trata-se, antes, de um assumir-se enquanto multiplicidades de forças, um determinar-se como destino. Dessa forma, o afastamento das “forças de vingança”, faz com que este “mestre” seja de fato um transvalorador.

⁶ Cf. Nietzsche (2019a, p. 43): “É preciso testar a si mesmo dar-se provas a Independência e ao mando, [...] não se deve fugir as provas embora sejam porventura o jogo mais perigoso que se possa jogar”

Os filósofos do futuro, ou o mestre, ou a criança, ou o Dionísio, ou a famosa personagem de Zarathustra, desvelam a realidade primeira e basilar da filosofia para Nietzsche: criação.

Essa característica fundamental leva a crer que bem mais que conceitos a criação aponta para um modo de vida, provisoriamente “loucura”, o que entretanto poderia ser qualquer outro nome já criado pela interpretação nietzscheana. Isso talvez colocaria em contradição o próprio conteúdo deste trabalho que, em tentativas de se mirar o alvo, poderia ter falhado miseravelmente como fez a tradição filosófica até então, reduzindo a força e amansando os instintos.

“Como tornar-se louco não o sendo e não usando parecer que o é?”, a este medonho raciocínio se entregaram quase todos os homens de peso da civilização antiga; uma sigilosa doutrina de artifícios indicações dietéticas propagou-se quanto a isso, junto com o sentimento da inocência e mesmo da santidade de tal reflexão e propósito. (NIETZSCHE, 2016, p. 21)

Sendo assim, a criação, ou melhor, o “em criando” requer simplesmente criatividade: loucura, e não produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não procurou destrinchar os textos de Nietzsche garimpando definições e conceitos, mas procurou vislumbrar o pano de fundo, a pedra de toque, o fio condutor de todo esse projeto de transvaloração.

Para Nietzsche não existe um objetivo como bem apontavam os seus antecessores na história da filosofia. O modo de se fazer filosofia feito por Nietzsche é primeiramente uma desconstrução do modo convencional da filosofia e ao mesmo tempo uma precursora forma de criação que não se restringe a teoria, mas que sobretudo se desvela na práxis.

O louco é a figura que retrata essa falência da teoria, onde dentro da sua suposta insignificância se revela a simplicidade e igual complexidade que se abriga dentro de um indivíduo. Ser louco é ser o que se é, em sua radicalidade. Na loucura não existe espaço algum para a razão e suas aberrações racionais que aprisionam o homem num utilitarismo, que dentre outras inúmeras características se mostra como um vazio constrangedor.

Em um passado não muito distante o louco foi representado como um ser errante que não olha para trás: caminha sem objetivo apenas com uma bolsa; suas roupas estão rasgadas e um cachorro lhe morde os pés. Mesmo assim ele não se acua, continua em frente, grita:

Oh, deem-me loucura, seres celestiais! Loucura, para que eu finalmente creia em mim mesmo! Deem-me delírios e convulsões, luzes e trevas repentinas, apavorem me com ardores e calafrios que nenhum mortal até agora sentiu, com fragores e formas errantes, façam-me urrar e gemer e rastejar como um bicho: mas que eu tenha fé em mim mesmo! A dúvida me devora, eu assassinei a lei, a lei me assusta como um cadáver à uma pessoa viva: se eu não for mais do que a lei, serei o mais abjeto dos homens. O novo espírito que está em mim, de onde vem ele, se não de vocês? Provem-me que sou seu; somente a loucura me provará isso. (NIETZSCHE, 2016, p. 21)

Seu grito é a manifestação da vontade, da sua vontade animalesca, a extravagância de sua natureza mais íntima, de uma sabia centelha de busca. Ele é aquele que sobe a montanha mesmo sabendo que irá pular no abismo.

Vai rumo a algo que ainda não sabe como conquistá-lo, mas o que sabe é que, em “não-sabendo”, já o possui. Ele é capaz de se libertar das correntes da razão, pula no abismo não como finalidade última, mas como exercício de romper com os últimos laços. No fim, talvez: a leveza no ar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Daniel Pereira. **Nietzsche**: a experiência de si como transgressão (loucura e normalidade). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

CORRÊA, Sérgio Fernando Maciel. **O 'sujeito' da interpretação em Nietzsche e Foucault**: uma leitura da genealogia da moral e da ética do cuidado de si. Curitiba: CRV, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

DELEUZE, Gilles. **O anti-Étipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Nietzsche, o bufão dos deuses**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin, 2011

GRANAROLO, Philippe. **L'individu Éternel**: L'expérience Nietzschéenne de l'éternité. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 2019.

KLOSSOWSKI, Pierre. **Nietzsche e o círculo vicioso**. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche, seus leitores e suas leituras**. São Paulo: Bacarolla, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018a.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019a.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou zaratustra**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018b.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017b.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017a.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018c.

ONFRAY, Michel. **A sabedoria trágica**: sobre o bom uso de Nietzsche. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

QUÉTEL, Claude. **A história da loucura**: da antiguidade à invenção da Psiquiatria. Volume I. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2014.